

**Ediney Santana
e Herculano Neto**

Mais Uma Dose

(MICROCONTOS)

II
laetitia editore
2013

Todos os direitos reservados exclusivamente aos autores
laetitia digital
<http://laetitiadigital.blogspot.com>

1ª edição digital, 2010

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santana, Ediney
Mais uma dose : (microcontos) / Ediney Santana
e Herculano Neto . -- Salvador, BA : Laetitia
Editore, 2010.

1. Contos brasileiros I. Herculano Neto. II.
Título.

10-08405
CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos : Literatura brasileira 869.93

*“João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro
da Babilônia num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou
Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
afogado”.*

**Poema tirado de uma notícia de jornal,
Manuel Bandeira, 1930**

É CLARO QUE EU TÔ A FIM

Tom Correia

Uma mesa de bar, chuva fina que escorre lá fora e acordes de rock brazuca são os componentes do cenário ideal dos microcontos de Ediney Santana e Herculano Neto. Parceiros de antigas datas, sem jamais se renderem diante de contextos literários que engessam a criatividade, a dupla reuniu o que havia de mais contundente para inaugurar a Laetitia Digital.

Assim, através de minúsculas histórias desafiadas ao longo do livro, somos convidados num primeiro instante a expandir nossa imaginação, fruindo a verve autoral que nos expõe suicidas metafóricos, delírios de um homem que odiava gravatas borboletas, homens-toupeiras, figuras que se refugiam em árvores, indivíduos combalidos que se transformam em peixes nadando em rios assassinados por metais pesados. Na verdade trata-se de um convite-ameaça: leiam-nos ou nos odeiem.

Canibais de nós mesmos, como escreveram um dia Cazuzza-Frejat-Ezequiel, viramos página após página na ânsia de encontrar outros devaneios. Engano. Nos deparamos com tipos solitários de vidinhas ordinárias, desempregados crônicos e transexuais operadas que perambulam sob matizes urbanos não raro hostis, não raro o que se vê nas ruas todos os dias.

As doses literárias que ganhamos do fertilíssimo dueto são inebriantes na medida exata: ao final do volume, nos levantamos

trôpegos mas ainda conseguimos a façanha de chegar em casa sem extraviar a alma no caminho. A chave vira, chegamos ao sofá (talvez velho, muito velho) e com a fala enrolada suplicamos aos garçons-escritores: mais uma dose, *antes que a terra nos coma*.

Tom Correia
Jornalista

Ediney Santana

EDINEY SANTANA nasceu em Mundo Novo, na Chapada Diamantina (BA). É escritor e compositor. Já gravou oito discos independentes com sua banda FLOR MARGINAL e publicou oito livros, entre eles ANFETAMINAS E ARCO-ÍRIS (laetitia editore, 2006) e OS DEUSES NÃO SÃO SOCIALISTAS (laetitia editore, 2008). Mantém os blogs NON, JE NE REGRETT RIEN (<http://cartasmentirosas.blogspot.com>) e A VIDA REINVENTADA E OUTRAS HISTÓRIAS (<http://edineysantana.zip.net>).

ENFIM, DEUS DEU AS CARAS POR AQUI

Ediney Santana

Vendo Deus, o quanto homens e mulheres são maus, decretou:

— Todo ser humano tocado pela morte vai ressuscitar depois de um mês, olhará seu corpo podre por quinze segundos e morrerá novamente.

MÃE

Ediney Santana

Minha mãe dorme bem cedo, acorda com as galinhas, madruga com os anjos e me ama com o coração nas mãos.

DESEJO

Ediney Santana

Viu o menino no dia do enterro de um amigo supostamente comum aos dois. Apaixonou-se. Nunca mais vira aquele rosto, apenas lembrava-se dele entre as lágrimas doloridas supostamente comuns aos dois.

Começou matando Pedro, depois Raul: tinha esperança que o menino lindo aparecesse em outro enterro de defunto comum aos dois.

Já havia matado a lista inteira de conhecidos que estavam no enterro e ele não aparecia. Desesperada, louquinha de amor, mandou e-mails para todos os conhecidos avisando que se mataria às 14h do sábado - o enterro seria às 7h da manhã no domingo. Assim o fez. Nem ele e nem os amigos compareceram ao ato de piedade cristã.

ENTRE ESPELHOS*

Ediney Santana

Esquartejou seu corpo e ofereceu aos peixes do rio Burke. Não sentiu remorsos, apenas orgasmos secos, áridos; repletos de felicidade assassina. Sua alma não subiu aos céus. Vaga pelos carnavais vulgares desses nossos países, nossos lugares tão distantes de nós, no entanto tão ridículos em nossas razões menores. Ela não sabia quanto o amor poderia ser tão cruel e indiferente às paixões da juventude. Sua mãe chora como se estivesse no encanto de uma grande mentira, mas ninguém escapa do despertar das dores maiores.

Leve é a agonia dos que não sabem de deuses ou diabos. Leve é a paz que a morte oferece aos que sofrem de promíscua felicidade.

Hoje a noite não há luar, nem namorados se encontrarão para o amor. Hoje em Goiânia está tudo escuro e um mosquito lambe uma gota de sangue londrino.

**Em memória Clara Marie Burke*